

Cultura Dezasseis anos depois da morte de Gisberta

“Um primeiro passo para pensar a história da cultura trans de Portugal”

O que vem depois da esperança?, palestra-performance-oficina concebida e encenada por Hilda de Paulo, pode ser vista a partir de hoje, Dia Internacional da Visibilidade Transgénero, na Mala Voadora, no Porto

Ana Cristina Pereira

A artista transfeminista Hilda de Paulo não quis fazer teatro. *O que vem depois da esperança?*, com estreia agendada para hoje, Dia Internacional da Visibilidade Transgénero, é uma palestra, uma performance, uma oficina, uma mistura de tudo isso ou, como ela diz, “um entre”.

A partir de hoje, e até domingo (quinta, sexta e sábado às 21h; domingo às 19h, numa sessão final com Língua Gestual Portuguesa), quem se sentar nas cadeiras de plástico da Mala Voadora, no Porto, viajará pela história das pessoas trans em Portugal. O fio narrativo é dado pela palestra, que vai sendo intercalada por momentos performativos construídos a partir de experiências pessoais e de um arquivo reunido por Hilda de Paulo.

A curiosidade, o transfeminismo e a formação em História de Arte conduziram até aqui esta artista visual de nacionalidade brasileira, hoje radicada no Porto, que se identifica como travesti. “Quem é que veio antes de mim? Quem é que fez todo um corre para que eu pudesse estar falando hoje?” O futuro entra nessa reflexão. “Também penso na responsabilidade que tenho com quem virá depois de mim. Pesquisei sobre quem seriam essas transcestrais de Portugal.” Portuguesas ou estrangeiras.

Pôs-se a recolher peças de jornais, entrevistas de televisão, documentos históricos, livros biográficos e autobiográficos. Criou o Arquivo Gis, “femenagem a Gisberta Salce”, mulher trans de nacionalidade brasileira, em situação de sem abrigo, morta por um grupo de adolescentes em 2006. Deparou-se com mulheres trans como Rute Bianca, Jo Bernardo, Lara Crespo, pioneiras da luta pelo direito trans a existir. E com pessoas de tempos mais recuados, perdidas nos silêncios da História. “Esta peça é totalmente incompleta, mas é um primeiro passo para pensar a história da cultura trans de Portugal, a partir de Portugal e para Portugal.”

Quando vai à farmácia ou ao supermercado ou a qualquer outro lugar banal, Hilda de Paulo não encontra pessoas trans a trabalhar. Quando vê pessoas trans a tomar a palavra no espaço público é, quase



FOTOS: PAULO PIMENTA

sempre, para falar sobre identidade de género e, amiúde, sobre os seus processos de transição. É como se fossem reduzidas à genitália, aponta: “Pessoas cis não esperam de pessoas trans e travesti a intelectualidade.”

O espectáculo reivindica o “lugar da fala”, com duras críticas ao modo como as pessoas trans têm sido representadas através dos séculos. “Nós podemos falar por nós mesmas, nós podemos pensar por nós mesmas, nós não precisamos de pessoas cisgéneras pensando por nós”, diz. “Não é que pessoas cis não possam contar histórias de pessoas trans, elas podem, mas uma coisa é pensar política identitária, outra coisa é pensar política de aliança.”

No palco, Hilda de Paulo não quis que se encarnassem personagens. “Vocês vão contar histórias”, explicou ao elenco. “Pessoas cis que integram o elenco não irão nunca fazer uma interpretação de um personagem trans”, sublinhou. “Podem contar histórias de pessoas trans ou interpretar personagens cis, mas distanciando-se.”

Tudo se desenrola num espaço adverso como costuma ser a vida de quem não encaixa. Na cenografia,

Tales Frey usou placas, que operam como espelhos estilhaçados, como painéis, mas também podem funcionar como guilhotinas. “São pessoas que não estão representadas no espaço público”, diz ele. Para o ocupar, têm de destruir estrutura.

Uma forma de luta

Era para já ter acontecido, esta forma de busca de denúncia do “privilegio cis”, de busca de “representatividade, visibilidade, empodera-

O que vem depois da esperança? permitiu construir “uma comunidade queer”

“Pessoas cis não esperam de pessoas trans e travesti a intelectualidade”



mento”. O convite do Teatro Universitário do Porto (TUP) surgiu ainda antes da pandemia de covid-19. Os riscos e as restrições suspenderam-no.

Está a acontecer agora, com dramaturgia de Ave Terrena e Hilda de Paulo, assistência de encenação, direcção de arte e cenografia de Tales Frey. E interpretação de Bárbara Sá, Gonçalo Albuquerque, Gui Gaspar, Gui Silvestre, Hilda de Paulo e Tiago Aires Lêdo.

Primeiro, o TUP lançou o desafio aos seus sócios. Depois, Hilda de Paulo abriu a possibilidade de quem estava nos bastidores saltar para o palco. E Gui Gaspar, responsável pelo desenho de luz, aproveitou a deixa. “Nunca tinha tido uma experiência de.”

A construção da palestra-performance-oficina confirmou ser um lugar seguro onde Gui e outros participantes puderam ser, dar-se, criar laços uns com os outros. “Acabou por ser uma oportunidade para ter uma comunidade *queer*”, comenta, sorrindo. “Foi como uma bóia. Estava a afogar-me e, de repente, vi pessoas às quais à partida tenho uma proximidade maior a existir.”

Não é um ponto de chegada para Gui. “É muito antes disso.” Está a experimentar. “Não me permitia ter experiências corriqueiras como ir arranjar as sobancelhas, o que nem tem de ser uma experiência feminina, mas há tanto essa narrativa e eu tinha tanto medo de me permitir experimentar que foi um longo processo de desconstrução da feminilidade e da masculinidade.”

Podia falar horas sobre a importância da visibilidade trans, como fará um número indeterminado de pessoas pelo mundo fora hoje. “Se há um apagamento, eu não tenho referências. Se as pessoas estão escondidas, a sobreviver nas sombras, eu não as consigo ver, não consigo saber de que formas posso experimentar ser.”

Participar neste espectáculo é, por isso, também uma forma de luta. “Vou criar visibilidade sobre o meu corpo, vou criar visibilidade sobre pessoas que aparentemente não existem e, através da Hilda, fazer um discurso.”

Convidou muita gente a vir assistir. Todas as pessoas ali presentes o fizeram também. As sessões esgotaram.